

Ode Marítima

**Coro e Orquestra
Gulbenkian
Lorenzo Viotti**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

22 + 23 nov 2018



Ode Marítima

22 NOVEMBRO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

23 NOVEMBRO
SEXTA

19:00 — *Grande Auditório*

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian
Orquestra Estágio Gulbenkian (Szymanowski)

Lorenzo Viotti Maestro

Toby Spence Tenor

João Grosso Ator residente do Teatro Nacional D. Maria II

Vincent Huguet Encenação

Bertrand Couderc Luz e Vídeo

Joana Cornelsen Maquilhagem

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Álvaro de Campos

Ode Marítima

Declamação de excertos do poema

Claude Debussy

La mer

De l'aube à midi sur la mer

Jeux des vagues

Dialogue du vent et de la mer

Álvaro de Campos

Ode Marítima

Declamação de excertos do poema

Coro a cappella

Cláudio Carneiro: *As ondas do mar salgado*

Anónimo: *Ondas do mar de Vigo* (Sara Afonso Soprano)

Cláudio Carneiro: *O mar canta litanias*

Karol Szymanowski

Sinfonia n.º 3, op. 27, *A canção da noite*

Moderato assai

Allegretto tranquillo

Largo

IMG CAPA: COLEÇÃO ARTUR PASTOR, PT/AMLSB/ART000844 © ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

Do Cais Deserto às Estrelas

Vincent Huguet

“Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.”

Um homem na margem do Tejo, imóvel e silencioso. Ele parece observar, ele parece esperar, mas o quê ou quem? Ninguém, senão o fluxo das suas sensações, das suas memórias, em breve dos seus sonhos e depois dos seus fantasmas, que, como as ondas, vêm bater no cais deserto. O som do mar, o seu odor, o ar, a silhueta de um barco ao longe, a solidão, são os elementos a partir dos quais nasce este poema com perto de mil versos; a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos, um dos heterónimos de Fernando Pessoa. E sobretudo as sensações: das mais doces às mais violentas, ritmam o poema, fazem-no avançar, como uma longa serpente que por vezes desliza em silêncio e em curvas graciosas e de repente se retesa, se endireita, ataca e morde.

Quando Lorenzo Viotti teve a ideia de reunir num mesmo concerto *La mer* de Claude Debussy (1905) e a Sinfonia n.º 3 de Karol Szymanowski, (1914-16, estreada em 1921), também intitulada *A canção da noite*, o texto de Álvaro de Campos (1915) impôs-se desde logo como uma evidência, sem pedir licença a ninguém. Porque estamos em Lisboa, é certo, mas sobretudo porque o texto é, ele mesmo, como uma composição, com os seus andamentos, os seus *tempi*, os seus ecos que fazem ressoar as canções de marinheiros ou os lamentos que percorrem a memória, doces e melancólicos. Escolhemos então apresentar estas três obras em conjunto, como por vezes

Álvaro de Campos,
Ode Marítima

se expõem três quadros que nunca foram pendurados na mesma parede, três obras criadas no mesmo decénio (1905-1915) em França, na Polónia, em Portugal, numa Europa que iria soçobrar. Mas este estado do mundo não é diretamente uma questão nestas três obras, antes a maneira como o percebemos, como o esperamos, como o sonhamos. Se os três “esquícios sinfónicos” de Debussy evocam três momentos (“*De l’aube à midi sur la mer*”, “*Jeu des vagues*”, “*Dialogue du vent et de la mer*”), para além de sensações – contemplação, devaneio, enfeitiçamento, desprendimento, luta, etc... –, a Sinfonia de Szymanowski, pela sua orquestração e pelas palavras que são cantadas pelo tenor e pelo coro, da autoria do grande poeta sufi do séc. XIII Jālal ad-Din Rūmī, explora a espera, o erotismo, o êxtase místico. Passamos do cais para o mar, depois para o céu e para as estrelas. O devaneio do viandante solitário transforma-se num transe místico; a hipnose provocada pelas ondas e a irisação da água prolonga-se na evocação das estrelas. No fundo, este homem “Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão”, poderia ser aquele que entra num teatro, ou numa sala de concerto: imóvel e silencioso, ele abre-se também a esta vaga de sensações que a música e as palavras provocam: “Ao observarmos o mar, não sentimos sensações tão fortes como quando escutamos *La mer*.», afirmava o pianista Sviatoslav Richter a propósito da obra de Debussy. E Pessoa, de novo:

“E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!”

Álvaro de Campos,
Ode Marítima

Ode Marítima

de Álvaro de Campos

O Modernismo português e o mar

Em 1915, o meio literário lisboeta foi abalado pela publicação dos dois números da revista *Orfeu*. O periódico apresentou-se como um chocante cartão de visitas do Modernismo em português e escandalizou a crítica local. A *Ode Marítima* foi publicada no segundo e último número da revista, correspondente ao segundo trimestre de 1915, e consiste num longo poema de Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa (1888-1935).

Formado em Arquitetura Naval e Engenharia Marinha pela Universidade de Glasgow, na Escócia, Álvaro de Campos desempenhou a sua atividade profissional em estaleiros navais de cidades britânicas como Londres, Barrow-in-Furness e Newcastle-upon-Tyne (onde Eça de Queirós havia sido cônsul). Dessa forma, o mar ocupa um lugar importante na sua topografia. Contudo, o mar de Álvaro de Campos não é o mar de Debussy. O poema coloca o sujeito poético num cais deserto durante uma manhã de verão. Inicialmente, descreve a chegada de um paquete ao cais e o bulício criado pelo evento. Diversas sensações são despertadas no protagonista, que relaciona o espaço do cais com a vida e embarca numa viagem pelos

fragmentos do tempo e do espaço, encarnando a ambivalência da experiência humana sob o signo do Modernismo. O tédio, o desespero, a angústia, a sensação de exílio, o desejo de regressar a um passado ideal, tudo se sucede vertiginosamente no poema, de tom exaltado e provocador. Do som fez-se poesia.

A reação adversa do crítico do diário *A Capital* ao segundo número de *Orfeu* ficou famosa. Todavia, este reconheceu o contraste entre a *Ode Marítima* e as restantes obras publicadas na revista. O texto foi intitulado “Artistas de Rilhafoles,” sendo que Rilhafoles é hoje o Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa. Para o crítico de *A Capital*: “os poetas e os prosadores do *Orfeu*, em nosso parecer, sofrem quase todos da cabeça, embora o desarranjo mental de que são vítimas os não arraste à prática doutros desatinos de mais graves consequências.” Contudo, o mesmo autor refere que “a trapalhada mais extraordinária e mais assombrosa que encerra o novo número de *Orfeu* é a ‘Ode Marítima,’ de Álvaro de Campos. Torna-se forçoso reconhecer que há nela qualquer coisa de superior ao resto e que o seu autor tem talento apesar da maluqueira.”

JOÃO SILVA

Claude Debussy

Saint-Germain-en-Laye,
22 de agosto de 1862
Paris, 25 de março de 1918

La mer

COMPOSIÇÃO: 1903-05
ESTREIA: Paris, 15 de outubro de 1905
DURAÇÃO: c. 23 min.

A obra de Debussy afastou-se, desde cedo, dos modelos do Romantismo. Nesse processo de distanciamento crítico, o tríptico sinfónico *La mer* ocupa um lugar de destaque, tendo contribuído determinadamente para o reconhecimento internacional do compositor. *La mer* foi composto entre 1903 e 1905 e estreado a 15 de Outubro de 1905, pela Orquestra dos Concertos Lamoreux, sob a direção de Camille Chevillard. Na altura, foi recebido friamente pela crítica, o que pode ter motivado uma revisão da obra, publicada em 1910. Enquanto escrevia *La mer*, Debussy dedicava-se à crítica musical no *Gil Blas* e descobria e promovia a tradição francesa, que via como um substrato criativo importante, sobretudo no rescaldo da Guerra Franco-Prussiana. *La mer* enquadra-se num contexto de pioneirismo modernista e foi com esta obra que se instituiu e propagou a rotulação do compositor como “impressionista,” uma aplicação de categorias das artes visuais na música. Contudo, essa nomenclatura é problemática. Por um lado, o compositor era próximo de poetas ligados ao Parnasianismo e ao Simbolismo. Por outro lado, Debussy contribuiu para essa designação em diversos momentos da sua vida, o que a fez perdurar. *La mer* encarna a tradição romântica da música programática, mas transforma-a através de um prisma modernista. O suporte narrativo fornecido pelo sistema tonal e pelo desenvolvimento temático é substituído por uma abordagem de adição e subtração

de planos sonoros, nos quais o timbre ocupa um lugar central. Paralelamente, a sinuosidade das melodias e a plasticidade do ritmo contribuem para uma noção de estatismo e apontam para novos paradigmas de escrita. A obra tem início com *De l'aube à midi sur la mer*, um andamento baseado na sucessão e sobreposição de episódios. Melodias pentatónicas ondulantes e conjuntos particulares de timbres emergem e submergem numa forma orgânica. A atmosfera etérea de *Jeux de vagues* retoma alguns motivos do andamento anterior, que interagem com elementos novos, criando um espaço sonoro tridimensional que evoca o movimento dos mares. A obra termina com *Dialogue du vent et de la mer*, andamento mais enérgico no qual fragmentos melódicos, por vezes remetendo para a escala de tons inteiros, se entrelaçam e são sublinhados por uma orquestração colorida e contrastante.



Karol Szymanowski

Tymoszówka, 6 de outubro de 1882
Lausanne, 29 de março de 1937

Sinfonia n.º 3, op. 27, *A canção da noite*

COMPOSIÇÃO: 1914-1916

ESTREIA: Londres, 24 de novembro de 1921

DURAÇÃO: c. 24 min.

A Primeira Guerra Mundial é frequentemente usada na historiografia musical para dividir duas vagas do Modernismo. O evento traumático teve um grande impacto e as suas consequências perduraram nos hábitos dos europeus durante um longo período. Os primeiros impulsos do Modernismo centraram-se numa abordagem experimentalista, questionando os modelos românticos e tentando ultrapassá-los a partir de novas conceções de som e de música. Os Modernismos pós-Grande Guerra refletem simultaneamente sobre o Romantismo e o Modernismo, incorporando elementos do tonalismo e recuperando formas musicais do passado. Paralelamente, a *popular music* das Américas influenciou sobremaneira o estilo de compositores europeus.

Usar a Grande Guerra como marcador cronológico é problemático, pois diversos compositores atravessaram o período sem alterações estilísticas substanciais. Paralelamente, tende a ignorar figuras como o polaco Karol Szymanowski. Isso pode ter-se dado devido ao estatuto periférico que a Polónia tinha na época, dividida entre diversas potências europeias, como o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Império Russo, todas com uma vida musical intensa e reconhecida. Foi necessário aguardar pelo final da guerra para o país se unificar e tornar independente. Por outro lado, o percurso idiossincrático e a abordagem particular de Szymanowski tornam difícil a sua rotulação

no contexto dos vários modernismos. O período mais fértil do compositor deu-se, precisamente, durante a Primeira Guerra Mundial. As frequentes viagens inspiraram a sua produção, da qual a Sinfonia n.º 3, *A canção da noite*, é um bom exemplo. A obra foi composta entre 1914 e 1916 e estreada em Londres a 24 de novembro de 1921. Encontra-se dividida em três secções e recorre a voz, coro e orquestra, com muitas passagens virtuosísticas para violino solo. Dessa forma, a sinfonia encontra-se na encruzilhada entre a cantata, a sinfonia e o concerto. Esta hibridez e o papel da sobreposição complexa de melodias no desenrolar da obra são características centrais do estilo de Szymanowski. O compositor viajou pela Tunísia em 1914 e contactou diretamente com a cultura de países islâmicos, produzindo obras em que o exotismo ocupa um lugar importante. Na Sinfonia n.º 3, Szymanowski incluiu um poema de Jalâl ad-Dîn Rûmî, traduzido para polaco por Tadeusz Miciński. O poema celebra a beleza e os mistérios de uma noite oriental, relacionando-os com a amizade e com o cosmos. Rûmî foi um importante cientista, místico e poeta persa do século XIII, participando na chamada Idade de Ouro Islâmica. Miciński era um poeta polaco e amigo do compositor, tendo inspirado obras como o Concerto para Violino e as Quatro canções, op. 11.

O *Moderato assai* inicia-se com uma introdução de carácter estático, em que as melodias angulares em tons inteiros e o recurso aos agudos do



KAROL SZYMANOWSKI © DR

violino preparam a entrada da voz solista. Esse ambiente sobrenatural é reforçado pelo recurso aos instrumentos de percussão de metal e à harpa. Assim, o intangível estabelece-se como o universo no qual o poema é apresentado. O solista é pontuado pelo coro, que o complementa num estilo silábico e homorrítmico, entrelaçando-se nas respostas dos sopros. A primazia da textura sobre o desenvolvimento temático é um traço recorrente do Modernismo, também audível em *La mer* de Debussy. Paralelamente, a trama resultante da interação de diversas melodias não apresenta um centro tonal definido em algumas passagens, reforçando o pendor modernista da peça. O *Allegretto tranquillo* contrasta com a secção anterior pelos ritmos marcados, numa espécie de dança ternária na qual pontifica a rusticidade. O coro é usado como elemento sónico, cantando sem texto e de boca fechada as melodias ondulantes

que se sobrepõem e entrelaçam com diversos *ostinati*. Um episódio virtuosístico do violino solo conduz a obra ao final. Esse instrumento desempenha um papel importante na obra, emergindo das massas sonoras em momentos fulcrais e conduzindo o desenrolar da sinfonia. Numa atmosfera estática, o tenor introduz o *Largo*, momento em que o coro e o violino se destacam com mais frequência. Aqui, é mais notória a herança romântica em Szymanowski, encarnada numa abordagem wagneriana à tonalidade. As diversas camadas sonoras adensam a textura e a repetição de um motivo leva a sinfonia ao clímax. A Sinfonia n.º 3 é uma obra de maturidade do compositor, encontrando-se numa encruzilhada entre as macroformas orquestrais do Romantismo tardio e as inclinações do Modernismo pré-Primeira Guerra Mundial.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Pieśń o nocy

O, nie śpij, druhu, nocy tej!
Tyś jest Duch, a myśmy chorzy nocy tej!
Odpędz z oczu Twoich sen!
Tajemnica się rozwidni nocy tej!
Tyś jest Jowisz na niebiosach,
wśród gwiazd krążysz firmamentu, nocy tej!
Nad otchłanie orła pędź!
Bohaterem jest Twój Duch nocy tej!

Jak cicho, inni śpiją...
Ja i Bóg jesteśmy sami nocy tej!
Jaki szum! Wschodzi szczęście,
prawda skrzydłem opromienia nocy tej!
Nie śpij, druhu!
Gdybym przespał aż do ranka,
jużbym nigdy nie odzyskał nocy tej!
Targowiska już ucichły,
patrz na rynek gwiazdnych dróg nocy tej!
Lew i Orion,
Andromeda i Merkury krwawo lśni nocy tej.
Wpływ złowieszczy miota Saturn,
Wenus płynie w złotym dżdżu nocy tej!
Zamilknięciem wiąże język,
lecz ja mówię bez języka nocy tej!

Jalāl ad-Dīn Rūmī (1207-1273)
Tradução para polaco: Tadeusz
Miciński (1873-1918)

A canção da noite

Oh, não durmas, amigo, esta noite!
És o Espírito e nós estamos doentes esta noite!
Tira o sono dos teus olhos!
O mistério será desvendado esta noite!
És o Júpiter nos céus,
Circulando no firmamento entre as estrelas,
esta noite!
Corre até ao abismo da água!
Esta noite, o herói é o teu espírito!

Tanto silêncio, outros dormem...
Só eu e Deus; estamos sós esta noite!
Que rugido! Nasce felicidade,
A verdade com a sua asa brilha nesta noite!
Não durmas, amigo!
Se eu dormisse até à manhã,
Nunca mais iria recuperar esta noite!
As feiras já se calaram,
Olha o mercado dos caminhos de estrelas
esta noite!
Leão e Oríon
Andrómeda e Mercúrio brilham como
sangue esta noite.
Influência sinistra estendida por Saturno,
Vénus flui na brisa dourada da noite!
Com silêncio prende a língua,
Mas eu falo sem a língua esta noite!

Tradução do polaco: Linguamundi

Lorenzo Viotti

Maestro



LORENZO VIOTTI © MÁRCIA LESSA

Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo sido percussionista da Filarmónica de Viena, entre outras orquestras. Em simultâneo, estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015 venceu o prestigioso *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Anteriormente tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR (2013). Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Desde então, dirigiu outras prestigiadas orquestras como as Sinfónicas de Tóquio e Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da Rádio de Munique, a Tonkünstler Orchestra, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo, a Sinfónica Nacional da Rádio

Dinamarquesa, a Camerata Salzburg, a Staatskapelle Dresden, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Royal Philharmonic Orchestra, ou a Staatskapelle Berlin. Estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian em janeiro de 2017. Em 2016 foi três vezes convidado a realizar substituições de última hora, tendo-se então estreado à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, da Sinfónica de Viena, e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier. Em agosto do mesmo ano estreou-se no Festival de Verão de Salzburgo, tendo então dirigido a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Regressaria a Salzburgo no ano seguinte, tendo então partilhado um concerto comemorativo com o maestro Christian Thieleman. No domínio da ópera, Lorenzo Viotti dirigiu *La belle Hélène* (Offenbach), no Théâtre du Châtelet, em Paris, *La cambiale di matrimonio* (Rossini), no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* (Bizet), em Klagenfurt, *Rigoletto* (Verdi), na Ópera de Estugarda e na Dresden Semperoper, *Viva la Mamma!* (Donizetti), na Ópera de Lyon, e *Werther* (Massenet), em Klagenfurt e Frankfurt. Lorenzo Viotti recebeu o prémio *Newcomer* nos *International Opera Awards 2017*.



TOBY SPENCE © MITCH JENKINS

Toby Spence

Tenor

O tenor britânico Toby Spence estudou no New College, Oxford, e na Opera School of the Guildhall School of Music and Drama. Venceu o prémio *Royal Philharmonic Society 2011 Singer of the Year*. É muito solicitado para cantar em concerto, nomeadamente com orquestras e maestros de renome internacional como a Orquestra de Cleveland e C. von Dohnányi, a Filarmónica de Berlim e a Filarmónica de Viena, sob a direção de S. Rattle, a Sinfónica de San Francisco e T. Thomas, a Filarmónica de Roterdão e V. Gergiev, a Filarmónica de Londres e Y. Nézet-Séguin, a Filarmónica de Los Angeles e G. Dudamel ou a Sinfónica da Rádio da Baviera e J. E. Gardiner. Apresenta-se também com regularidade em importantes festivais como os de Salzburgo e Edimburgo. Recentemente Toby Spence cantou *As Estações*, *A Criação* e a *Missa de Nelson* de J. Haydn, a *Missa em Fá menor* de Bruckner, o *Messias* de Händel, a *Fantasia Coral* e a *Missa Solemnis* de Beethoven. As atuações recentes no domínio da ópera incluem, entre outras: *Satyagraha* (Gandhi) de P. Glass, na English National Opera; *Billy Budd* (Vere) de Britten, na Ópera de Roma; *Vanessa* (Anatol) de Barber, na Ópera de Frankfurt; *O Morcego* (Eisenstein) de J. Strauss II, e *The Tempest* (Antonio) de Thomas Adès, na Metropolitan Opera; *Gloriana* (Essex) de Britten e *A Flauta Mágica* (Tamino) de Mozart, na Royal Opera House; *The Rake's Progress* (Tom Rakewell) de Stravinsky, e *Os Mestres Cantores de Nuremberga* (David) de Wagner, na Ópera de Paris.



JOÃO GROSSO © FILIPE FERREIRA

João Grosso

Ator residente do Teatro Nacional D. Maria II

João Grosso nasceu em Lisboa em 1958. É licenciado em Teatro – Ramo Atores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Foi discípulo de Germana Tânger e frequentou o curso de Ciências da Linguagem da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL. Foi vogal, com competências de Diretor Artístico, da Comissão de Gestão do Teatro Nacional D. Maria II (2001-2003). É ator residente do Teatro Nacional D. Maria II. João Grosso concilia as atividades de ator, encenador e professor do ensino artístico. Entre quase uma centena de peças, destacou-se: *Lagarto do âmbar* de Maria Estela Guedes; *Ode marítima* de Fernando Pessoa; *Manucre* de Mário de Sá Carneiro; *O Contrabaixo* de Patrick Süskind; *D. João e a Máscara* de António Patrício; *Medeia é bom rapaz* de Luiz Riaza; *As Bacantes* de Eurípidés; *Fábrica Sensível* de Carlos Porto; *Os Gigantes da Montanha* de Luigi Pirandello; *Berenice* de Jean Racine; *Orgia* de Pier Paolo Pasolini; *Paiaçú* de Padre António Vieira. Realizou dezenas de encenações, gravou discos de poesia, apresentou-se em recitais por todo o país e no estrangeiro, participou em 38 produções de cinema e televisão e foi galardoado com os prémios *Globo de Ouro* (2005) para Melhor Ator de Teatro, *Sete de Ouro* (1992) para Melhor Actor de Televisão e para Melhor Ator de Teatro, Menção Honrosa Prémio Madalena Perdigão (1992) para Melhor Espetáculo, Prémio Rádio Energia (1991) para Melhor Ator de Cinema, Prémio Madalena Perdigão/Revista *Actor* (1988) para Melhor Jovem Ator.



VINCENT HUGUET © DR

Vincent Huguet

Encenador

Vincent Huguet é natural de Montpellier. Até 2013 trabalhou com Patrice Chéreau, com destaque para a encenação de *Elektra* (R. Strauss), no Festival d'Aix-en-Provence, tendo dirigido as reposições em Milão, Nova Iorque, Helsínquia, Berlim e Barcelona. Colaborou igualmente com Luc Bondy, Peter Sellars e Ivo van Hove. Em 2012 assinou a sua primeira encenação, *Lakmé* de Delibes, na Ópera de Montpellier. Em 2015 encenou *Love I Obey*, na Philharmonie de Paris, *Contes de la lune vague après la pluie* (X. Dayer; J.-Ph. Wurtz), na Ópera de Rouen e na Ópera Comique, e *Encor sur le pavé sonne mon pas nocturne*, para a Academia do Festival d'Aix. Em 2016 destacam-se: *To be or not to be* (Shakespeare/Purcell; V. Dumeestre), em Rouen; *Les Voyages de Don Quichotte* (Ravel, Strauss, Falla, Massenet; M. Minkowski), na Ópera de Bordéus; e *Trois femmes* (Charpentier; S. Daucé), em Caen, Bruges e Versalhes. Em 2017 participou na criação de *Vaille que vivre*, no Festival d'Avignon, com Alexandre Tharaud e Juliette Binoche, e encenou *La vie parisienne* (Offenbach; M. Minkowski), em Bordéus, e *Werther* (Massenet; L. Viotti), em Klagenfurt. Já em 2018, foi o encenador de *Dido e Eneias* (Purcell), no Festival d'Aix, de *Romeu e Julieta* (Gounod), no Teatro de Lucerna, bem como de duas galas para assinalar os 350 anos da Ópera de Paris. Os seus projetos para 2019 incluem a encenação de *A mulher sem sombra* (R. Strauss), em Viena, com direção musical de C. Thielemann.



BERTRAND COUDERC © DR

Bertrand Couderc

Luz e Vídeo

Bertrand Couderc assina a autoria do desenho de luz de muitos espetáculos de teatro e ópera levados à cena em prestigiados palcos como a Staatoper Berlin, a Metropolitan Opera de Nova Iorque, o Teatro Real de Madrid, a Wiener Staatsoper ou os festivais de Salzburgo e d'Aix-en-Provence. Colabora com o encenador Vincent Huguet desde 2015, nomeadamente em *Les Contes de la Lune Vague*, na Ópera Comique (Paris), *Dom Quixote* e *La Vie Parisienne*, na Ópera de Bordéus, *Dido e Eneias*, no Festival d'Aix, e *Romeu e Julieta*, na Ópera de Lucerna. Mais recentemente, realizou o desenho de luz de *A sacração da primavera* de Stravinsky, com direção musical de Mikko Franck. Em 2005 colaborou com Patrice Chéreau na iluminação de *Così fan tutte* para a Ópera Nacional de Paris. Seguiu-se *Tristão e Isolda* de Wagner, no Scala de Milão, sob a direção de Daniel Barenboim. De referir igualmente *Da casa dos mortos* de Janáček, com direção de Pierre Boulez, no Theater an der Wien. Colaborou também nos dois últimos espetáculos de Luc Bondy: *Charlotte Salomo*, no Festival de Salzburgo (2014), e *Ivanov*, no Odéon, em Paris (2015). Com o agrupamento Pygmalion e o maestro Raphaël Pichon, criou a iluminação para *Funérailles de Louis XIV* (Chapelle Royale de Versailles). No domínio do teatro são de referir *Poussière* (Lars Norén), *L'éveil du printemps* (C. Hervieu-Léger) e *Romeu e Julieta* (Eric Ruf), para a Comédie-Française, bem como *Bouvard & Pécuchet*, para Jérôme Deschamps e o Théâtre de la Ville de Paris.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonica de Berlim, a Sinfónica de Baden Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser Möst, Gerd Albrecht, Gustavo

Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frühbeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

CORO GULBENKIAN © GFM/ÁRCIA LESSA

Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Clara Coelho
Cristina Ferreira
Filipa Passos
Filomena Oliveira
Joana Siqueira
Lucília de Jesus
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Marisa Figueira
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso*
Susana Duarte
Tânia Viegas

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Maria Forjaz Serra
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Raquel Rodrigues
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Diogo Pombo
Francisco Cortes
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Barros
João Branco
João Custódio
João Pedro Afonso
Manuel Gamito
Miguel Silva
Nuno Fonseca
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Tiago Sousa

BAIXOS

Fábio Dias
Fernando Gomes
Hugo Wever
João Fatela
João Luís Ferreira
Jorge Ramos
José Bruto da Costa
José Damas
Luís Neiva
Luís Pereira
Mário Almeida
Miguel Jesus
Miguel Maduro-Dias
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

* Solista em *Ondas do mar de Vigo*

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Andrade
Joaquina Santos
Fábio Cachão



Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

ORQUESTRA GULBENKIAN © GEMÁRCIA LESSA

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Jan Orawiec *Concertino Principal* *
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *
Ana Sousa *
David Ascensão *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Miguel Simões *
Félix Duarte *
Ana Sibila *
Mafalda Rodrigues *
Teresa Pinheiro *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Catarina Silva *
Ricardo Contreras *
Paul Tulloch *
Leonor Fleming *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
Lara Ariznabarreta *
João Valpaços *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Luzia Vieira *
Alexandre dos Santos *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Ana Filipa Lima *2º Solista* *
Rui Maia *2º Solista* *
David Silva *2º Solista* *

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês
Filipe Freitas *2º Solista* *

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo
Rui Martins *2º Solista* *
Samuel Marques *2º Solista* *
João Pedro Santos *2º Solista* *

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*
Álvaro Machado *2º Solista* *

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*
Mickael Faustino *2º Solista* *
Albert Galka *2º Solista* *
Alexandre Pereira *2º Solista* *

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Jorge Pereira *1º Solista Auxiliar* *
David Burt *2º Solista*
Carolina Alves *2º Solista* *
Ricardo Vitorino *2º Solista* *

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista* *
Leonardo Fernandes *2º Solista* *

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Duarte Santos *2º Solista* *
João Ramalho *2º Solista* *
Sandro Andrade *2º Solista* *
Miguel Herrera *2º Solista* *

PIANO
Nuno Lopes *1º Solista* *

CELESTA
Inês Mesquita *2º Solista* *

ÓRGÃO
Rui Soares *1º Solista* *

HARPA
Carolina Coimbra *1º Solista* *
Ana Ester *2º Solista* *

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Inês Rosário, Leonor Azedo,
Raquel Serra, Guilherme Baptista



Orquestra Estágio Gulbenkian

Joana Carneiro Direção Artística

PRIMEIROS VIOLINOS

Alexandra Araújo
David Bento
David Correia
David Seixas
Hilton Costa
Joana Weffort
Nuno Suarez

SEGUNDOS VIOLINOS

Amélia Pack
Ana Malheiro
Carolina Ascensão
Francisco Ferreira
João Chicória
Olívia Edmundson-Andrade
Teresa Julião

VIOLAS

Beatriz Teves
Cristiana Torres
Maria Monteiro
Mariana Moreira
Micaela Miranda
Pedro Alves

VIOLONCELOS

Diogo Patrício
Mariana Taipa
Pedro Fernandes
Pedro Meixedo

CONTRABAIXOS

Andreia Pacheco
Gonçalo Abreu
Nuno Coroado
Tiago Vaz

TUTORES

Ana Manzanilla *Primeiros Violinos*
Jorge Teixeira *Segundos Violinos*
Maia Kouznetsova *Violas*
Raquel Reis *Violoncelos*
Manuel Rego *Contrabaixos*

Ibéria

Música entre Portugal e Espanha

24 novembro

SÁBADO — M/6

16:00

Pierre Hantäi

19:00

Cuarteto Quiroga

Jonathan Brown

25 novembro

DOMINGO — M/6

16:00

**Ana Quintans
Carlos Mena**

19:00

**Coro Gulbenkian
Pedro Teixeira**



GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
NANIGATOR

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS
VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA CASA

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI

THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.



APLAUDIR O PAPEL DA CULTURA É TAMBÉM O NOSSO PAPEL

A arte e a natureza têm o poder de inspirar, tocar e transformar as pessoas como poucas coisas no mundo. É com orgulho que a Navigator aplaude o papel incomparável da cultura na vida de todos, ao ser Mecenaz Música e Natureza para a Temporada de Música 18/19 da Gulbenkian.

Viver o futuro da cultura é o seu inspirador papel.



Mecenaz Música e Natureza
Temporada de Música 18/19 da Gulbenkian.

thenavigatorcompany.com

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Novembro 2018

